

ENTREVISTA

Estudando Celtas e Germanos: Os 10 Anos do Grupo Brathair

Realizada por Johnni Langer com o
Prof. Dr. João Lupi

Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas
UFSC
lupi@cfh.ufsc.br

Principais obras publicadas:

- *Humanismo medieval: caminhos e descaminhos*, 2005.
- *O pensamento brasileiro contemporâneo*, 1989.
- *Moçambique, Moçambiques*, 1988.

Johnni Langer: *Durante a criação do grupo Brathair, em 1999, os estudos nas áreas celtas e germânicas ainda eram extremamente incipientes em nosso país. Quais foram os motivos e as circunstâncias do surgimento desse grupo?*

João Lupi: Sim, os estudos sobre celtas e germanos no Brasil em 1999 estavam muito dispersos e a bem dizer ninguém sabia de ninguém. Os poucos que se interessavam eram medievalistas que, como nós, queriam recuar nas tradições e nas fontes para conhecer melhor as origens da Europa anteriores ao Império Romano. A casualidade foi que no encontro da ABREM na UERJ vários estudiosos apresentaram a possibilidade de nos relacionarmos para trocar “figurinha”.

Johnni Langer: *E as primeiras dificuldades e empecilhos: houve alguma relutância por parte dos próprios medievalistas brasileiros, habituados a pesquisarem temas do Ocidente feudo-cristão e dos pesquisadores do mundo Greco-romano clássico?*

João Lupi: As primeiras dificuldades foram motivadas pela distância, já que entre os interessados iniciais havia pessoas, todas bem mais jovens do que eu, residentes em diversas cidades. Por isso a comunicação com alguns, mesmo que então já se usava bastante internet, não foi fácil e alguns dos primeiros se “perderam” no caminho e nunca mais ouvimos falar deles. Mesmo assim o fato de haver um núcleo ou grupo ativo no Rio de Janeiro facilitou a consolidação da rede de estudiosos de outras cidades e universidades. Por parte dos professores e pesquisadores já mais estabelecidos, portanto mais velhos, a dificuldade foi encontrar alguém que tivesse atenção a um assunto que entre nós não tinha tradição, e não queriam deixar seus campos de trabalho onde muitos já tinham adquirido certo nome. Mesmo assim temos recebido sempre muito mais adesões do que negativas; sempre que convidamos alguém, com muita experiência, para

falar de um tema que interesse aos estudos celtas e germânicos temos recebido apoio e colaboração. Entre as "autoridades" administrativas, isto é, aqueles que estando em postos de decisão podem nos facilitar a organização de simpósios, ou de publicações, de modo geral temos tido apoio, e só por parte de Brasília é que encontramos resistência "por ser tema novo e desconhecido". Comparando com casos semelhantes de outras áreas parece que nas ciências humanas o incentivo à "inovação na pesquisa" vem da base e da universidade, não das cúpulas governamentais; curiosamente também as cúpulas empresariais têm mostrado desconfiança a nosso respeito.

Johnni Langer: *Fazendo um prospecto geral dos simpósios, publicações e demais atividades do grupo Brathair e da comunidade participante, percebemos uma grande valorização da religiosidade, mitologia e literatura. Tratando de temas célticos passíveis de pesquisa do Brasil, que outras possibilidades você consideraria para o futuro?*

João Lupi: Sem dúvida a temática da religiosidade germânica, e sobretudo da celta, tem forte apelo hoje em dia, nem sempre por motivos de real interesse de estudo, mas se há "desvios" que corrompem a realidade compete a nós orientar melhor as pessoas. Considerando que nosso público é predominantemente jovem, e que muitos jogos eletrônicos, os games, se inspiram na mitologia e na história celto-germânica, creio que esse é outro assunto a incentivar. Aliás já nas HQs a temática pré-histórica, fantasiada, era frequente, e nos nossos encontros não têm faltado os interessados em estudar episódios mais "cativantes". Devemos estar atentos ao que as pessoas que nos procuram têm em mente e permanecer abertos a outras possibilidades, desde provérbios a medicina, e de gastronomia a política: já abrimos muitas dessas frentes, para desenvolver cada uma é preciso que surja quem lidere a pesquisa.

Johnni Langer: *Qual o seu conselho para os pesquisadores iniciantes, na formação de grupos de estudo ou pesquisa na área céltica e germânica.*

João Lupi: Se são pessoas realmente interessadas em conhecer de modo sério as culturas pré-históricas da Europa, e seus desdobramentos posteriores, o primeiro conselho é que se apoiem na orientação de quem tem mais experiência, e procurem a bibliografia recomendável. Mesmo quando se envereda pelo que considerarei desvios, e temas cativantes é possível fazer estudos sérios, como aqueles que tens feito sobre as fantasias românticas e pré-rafaelitas a respeito da imagem dos vikings. Quem começa e tem pouca experiência provavelmente terá dificuldade de distinguir o que é sério (nós mesmos, os mais velhos, nem sempre sabemos) do que é fantasia, e separar o que é descartável do que se deve conservar, pois conforme o uso e destino uma descrição ou comentário que alguém pode desprezar outro pode achar proveitoso. O iniciante deve sempre desconfiar de si mesmo, ter humildade de procurar quem tem experiência, saber que mesmo os mais experientes também erram, aliar-se a outros que gostam do tema, mas sobretudo, acima de tudo, nunca perder o entusiasmo.

Johnni Langer: *Particularmente as histórias em quadrinhos, as artes plásticas, o cinema e a literatura ficcional destacaram os guerreiros celtas numa situação heróica de resistência, frente ao dominador romano (ex. Asterix e a nova leva de obras sobre Boudica). Mesmo questões mais sociais, como a mulher celta da Antiguidade (em sites esotéricos e de divulgação), acabam criando um referencial de "liberdade" e "poder"*

num passado idealizado. Como você percebe esse recorte contemporâneo da história celta, que foi muito mais rico, dinâmico e complexo do que a arte preconizou.

João Lupi: Percebo de duas maneiras: por um lado esse recorte desperta atenção e curiosidade, além de proporcionar distração, que é importante; essa curiosidade pode alimentar interesses e despertar vocações variadas, para pesquisador ou para desenhador; por outro lado ele se alimenta mais do idealizado do que do passado real, e nesse sentido ele revela mais sobre a cultura contemporânea do que sobre a histórica. Mas essa pode ser, e tem sido uma fonte importante de investigação. O que nos interessa, em tudo isso, é saber o que está dentro das pessoas, o que somos, como pensamos e nos emocionamos, e que faceta de humanidade se esconde por trás de um germano de fato existente ou de um gaulês fictício.

Johnni Langer: *Professor, comente um pouco sobre sua atual pesquisa ou suas últimas leituras focadas na área celta.*

João Lupi: Uma vez que o nosso grupo de estudos é um desbravador de caminhos e um leque de possíveis estímulos e orientações, tenho procurado duas coisas: fazer o que outros não fazem e que eu tenho preparação para fazer, e mostrar possibilidades ainda não exploradas. No que eu tenho preparação diferente de outros dentro do Brathair é em filosofia e cultura medieval, e por isso comecei a estudar a cultura e formação intelectual dos monges irlandeses; mas tenho a satisfação de saber que atualmente outras pessoas no Brasil estão preparando dissertações de mestrado nesse tema, e algumas até me pediram ajuda e colaboração. O outro aspecto a que me dediquei é uma espécie de "mapeamento" do mundo celta, para que se tenha uma visão panorâmica das etnias e povos onde se pode procurar conhecimento sobre os celtas. Publiquei na nossa revista, em forma de artigos ou de resenhas, comentários sobre os lusitanos, os belgas, os helvécios, os escoceses e agora apresentarei no simpósio de 2010 um breve estudo sobre os gálatas. Num caso, o dos escoceses, consegui até reunir as duas temáticas, pois além de resenhar a origem do reino celta da Escócia, mostrei o papel fundamental dos monges escotos (irlandeses) nessa origem. Daqui para diante preciso ter cuidado para não me dispersar, e me "manter na linha".